

RESISTÊNCIA AGROECOLÓGICA NA PARAÍBA: um estudo de caso do município de Lagoa Seca e região e João Pessoa

Diêgo Alan Mangueira da Silva¹
Inaê Gazola Storni Santiago²

Resumo

O uso do agrotóxico foi impulsionado pela revolução verde e que tinha um discurso progressista de produzir em massa para acabar com a fome mundial. Hoje em dia, ainda é possível visualizar a permanência desse discurso, e com crescente uso desses produtos químicos. Os impactos que os agrotóxicos causam na saúde humana e ambiental já é pauta da comunidade científica em todo mundo, sobretudo, em países em desenvolvimento onde a prática do agronegócio se dá de forma desenfreada, muitas vezes pelo capital estrangeiro, que vê as terras brasileiras por exemplo, um potencial para lucrar. Na contramão desse modelo de produção, muitos camponeses resistem a fazer plantio sem qualquer uso de agrotóxico, e visualiza grande sucesso com a venda dos seus produtos em feiras agroecológicas. A sociedade em geral ajuda bastante comprando esses alimentos de total qualidade, uma clara relação entre o campo e cidade.

Palavras-chave: Agrotóxicos, feira livre, agronegócio.

Introdução

No ano de 1950, marcado pelo contraditório nome de “revolução verde” se inicia nos países desenvolvidos (Europa e América do Norte), e posteriormente, nos países em desenvolvimento. Esse termo supracitado, foi uma ruptura pragmática onde foi observado bruscas mudanças no campo, e na forma tradicional de trabalho. Com o mundo passando transformações, e iniciando o que o Milton Nascimento chamou de período Técnico-Científico-Informacional, novas tecnologias que até então não existentes, se adentram no campo sobre influência do capital nacional e internacional. Com o intuito de reduzir o tempo de produção, até então superior ao tempo de trabalho, e tendo mudanças na base técnica (inovações químicas, mecânicas e biotecnológicas). (Denise Elias, 2003, p 23). Paralelos aos acontecimentos históricos, o Brasil segundo o IBGE via a sua população urbana ser maior que a população rural no ano de 1970. Contudo, era necessária uma produção de alimentos em massa para suprir as necessidades nacionais. E essas novas tecnologias, muitas delas usados com intensos agentes

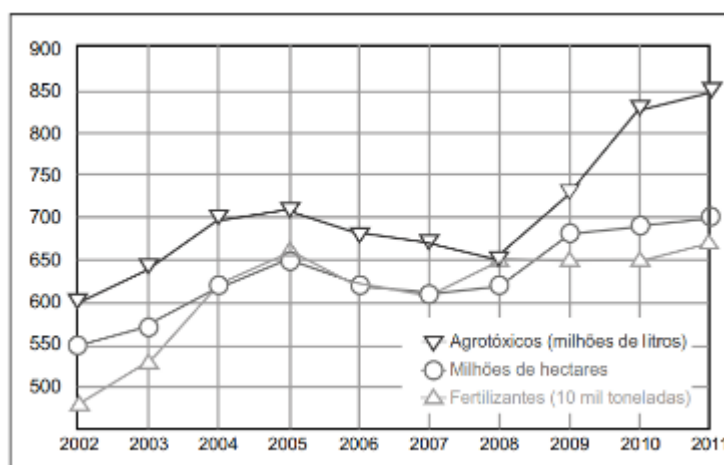
¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, E-mail: diegoalangeo@gmail.com

² UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, E-mail: inae.santiago@gmail.com

químicos na intenção de proteger a plantação contra pragas, doenças, e ter uma maior produtividade. Até então, o discurso progressista e sua atuação parecia inabalável. O que não se sabia era sobre os malefícios que os agrotóxicos colocavam em risco tanto quanto os camponeses como também, o consumidor final, que com o passar dos anos, recebeu atenção da academia científica onde já é estudado os seus efeitos negativos.

O que se observa até hoje é que o governo brasileiro não tem dado tanta atenção ao uso e controle dos insumos químicos, onde a mesmo tempo, incentiva continuamente o aumento da produção agrícola, uma vez que a exportação de produtos agropecuários é responsável por 39% da balança comercial brasileira (MMA, 1996). As *commodities* como é o caso da soja, é um fato histórico o seu desenvolvimento para a exportação, junto a crescente uso de fertilizantes químicos como é mostrado na imagem.

Figura 1. Produção agrícola e consumo de agrotóxicos e fertilizantes químicos nas lavouras do Brasil, 2002-2011



Fonte: Dossiê Abrasco (Carneiro et al. 2015)

Atualmente estima-se que cerca de 2,5 a 3 milhões de toneladas de agrotóxicos são utilizados a cada ano na agricultura, envolvendo um comércio de cerca de 20 bilhões de dólares (Agrofit, 1998). Segundo o El País, 70% dos alimentos produzidos no Brasil possuem agrotóxicos, colocando o Brasil na primeira posição dos países que mais faz uso dessas substâncias, chegando a 5,2 litros/ano por habitante. O país é responsável pelo consumo de cerca de 50% da quantidade de agrotóxicos utilizados na América Latina, o que envolve um comércio estimado em cerca de US\$ 2.56 bilhões em 1998 (Sindag, 1999). Segundo um estudo

que foi divulgada pelo INCA, em parceria com a Phillips McDougall, mostra que o Brasil em 2013 foi o país que mais comprou agrotóxicos, todos os gastados somados em 10 bilhões de dólares. Onde é evidente que existe um grande lucro na venda desse veneno agrícola.

Na contramão dos vícios capitalistas, resistem muitos camponeses que fazem plantação sem qualquer tipo de agrotóxico, buscando novas alternativas contra pragas e doenças e assim, tendo um rendimento financeiro considerável. Já é uma realidade existir alguns pontos de feiras agroecológicas em muitos municípios da Paraíba (Agreste e Litoral) onde parece que finalmente a sociedade começa a ter conhecimento das nocividades que o uso de agrotóxico pode causar na sua saúde.

O presente artigo, irá contextualizar o município de Lagoa Seca no Agreste Paraibano (e região) e sua capital, João Pessoa. Como que os camponeses resistem a injusta concorrência no campo, e sua interação com as cidades. Esse trabalho científico foi fruto de um relatório de campo que foi realizada com os alunos do 4º período de geografia, pela componente curricular de geografia agrária ministrada pelo professor Dr. Marco Antonio Mitidiero Junior.

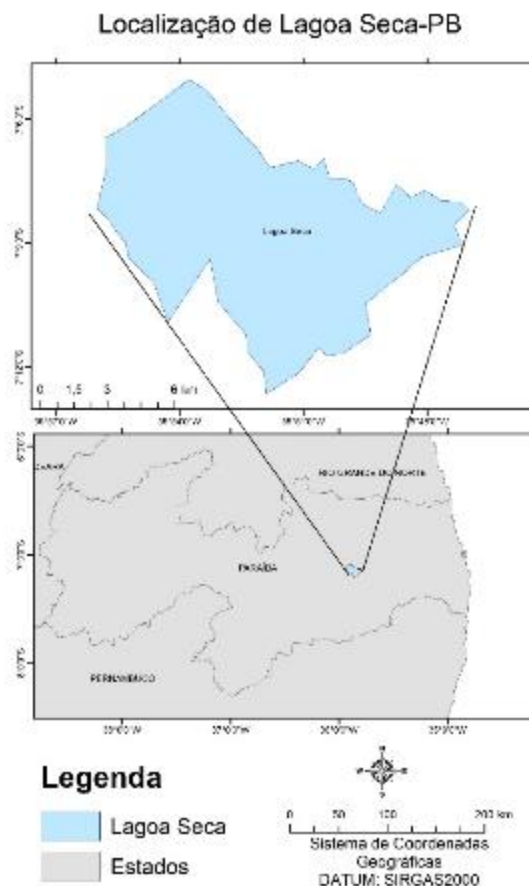
Métodos

A metodologia que foi utilizada para a elaboração desse artigo científico constituiu em prévia revisão bibliográfica em sala de aula pela componente curricular de geografia agrária, para que assim fosse possível entender a dinâmica do espaço agrário e sua relação com o campo/cidade, visita a campo, registro documental, entrevistas e debates acerca do assunto.

Propriedade rural do Clécio

Localizado no município de Lagoa Seca, no Agreste paraibano 135 km da capital João Pessoa, nesse espaço é produzida alimentos agroecológicos (sem uso de defensivos químicos).

Mapa 1: Localização do município de Lagoa Seca no estado da Paraíba



Com 2 hectares de terra, era possível alimentar 25 pessoas de sua família, ocasionalmente era realizado algum trabalho acessório para complementar a renda, mas de grosso modo seu sustento é retirado da terra.

Apesar de ser uma propriedade privada, em um modo de produção capitalista, a forma de exploração da terra, se dá de maneira diferenciada, o cultivo da sua plantação é realizada através da força de trabalho familiar. Também valendo salientar que a região tem poucas e irregulares chuvas, mas que esse fator climático não foi uma barreira, foi arquitetado várias maneiras de se obter e reter água, como forma de garantir a produção de alimentos.

Na propriedade é possível visualizar algumas das formas de captação (figura 2) e armazenamento de recursos hídricos como: poços (teve-se êxito na perfuração devido a uma fratura geológica que fez encontrar bastante águas), barragem subterrânea, e cisternas, esses mecanismos são responsáveis para garantir que a produção não seja interrompida.

Figura 2: As diversas formas de captação e retenção da água, e parte de sua plantação



Foto 1. Poço perfurado. 2: armazenamento de água. 3: Cisterna. 4: parte da plantação agroecológica no Clécio.

Fotos: Diêgo Alan, 2017

A policultura somada à rotação de culturas possibilita a renovação de nutrientes no solo, para que não haja necessidade de uso de qualquer insumo químico. No local é possível observar também enxertos que nada mais é que a união do tecido de duas plantas diferentes. O Clécio explicou como que utiliza de formas naturais para manter longe as pragas, e insetos. A primeira forma é a mistura de castanha de caju com álcool. Ele percebeu que as lagartas não iam até o cajueiro, e assim, esmagaram na planta o sumo e jogaram na plantação onde foi percebido que os insetos não iam até a sua plantação. Para um bom crescimento de sua vegetação, é usado Biofertilizantes que no caso seria resto de frutas e legumes, para serem usadas como adubação do solo no processo de decomposição. E também, faz-se uso de esterco de gado, e implementação de minhocas em todo o terreno. A terra dessa localidade é bastante arenosa, o

que em outrora era quase impossível de ter um bom cultivo de alimentos, depois de muitas atividades, conseguiu-se otimizar o terreno.

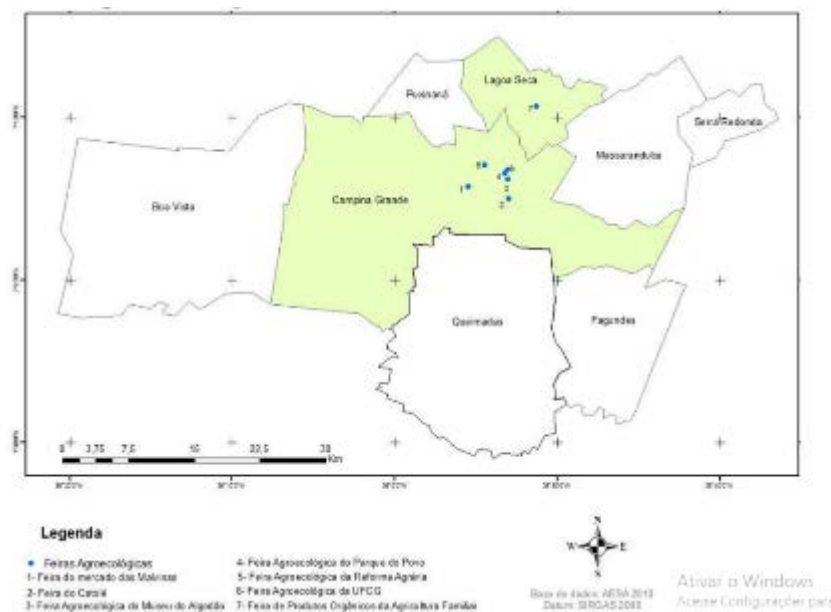
Outras intervenções que foram feitas pela presença da árvore *Nim*, de origem indiana, que é usada nesse espaço como uma barreira natural contra os fortes ventos que vem na direção da propriedade e suas folhas e flores podem ser usadas como repelente natural para o plantio, intervindo nas formigas e outras pragas.

O Clécio que não vende para os supermercados da região, mas, que se relaciona com a EcoBoroborema que é a representante de feiras agroecológicas da região. Muitos desses alimentos produzidos são distribuídos para lanches nas escolas públicas estimulada pela Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) com o governo comprando e incentivando a prática. Além de tudo, ele faz plantação de até três mil mudas por ano para pôr à disposição da venda, e não compra sementes no mercado, usa as próprias dele como processo de rotação.

EcoBoroborema

A EcoBoroborema - Organização regional de apoio e assistência a agricultores ecológicos - é o nome que se dá pelo movimento de feira livre de agricultura familiar na microrregião de Campina Grande. É uma das 7 feiras agroecológicas que se tem na região, e que tem conseguido bom êxito e movimentação de mercado pela população. Essa Microrregião (mapa 1) possui uma área total de 2.124,8 km², com população estimada, em 2010, pelo IBGE, em 519.883 habitantes, situada entre as longitudes 35° 40' 30" e 36° 14' 24" O, e as latitudes 07° 10' 15" e 07° 21' 28" S, com uma área de 2 104 km², densidade de 239,0 hab./km² e altitude de 499 m.

Mapa 2: distribuição espacial das feiras agroecológicas na Microrregião de Campina Grande-PB



Essas feiras que podem ser definidas como “ecologicamente corretas” é de total importância para a economia de muitas famílias que com a venda dos seus alimentos, faz disso sua renda. É uma via de mão dupla, onde também, a comunidade em geral se beneficia ao comprar pois, terá alimentos de qualidades sem qualquer tipo de agrotóxico. As feiras agroecológicas, trazem alimentos saudáveis advindos da construção de relações de confiança sobre a certificação dos produtos, criando a oportunidade de maior poder de barganha dos produtores e a garantia de escoamento pela venda direta, ao excluir a presença de “atravessadores” (DAROLT, 2013; RAMALHO et al., 2011).

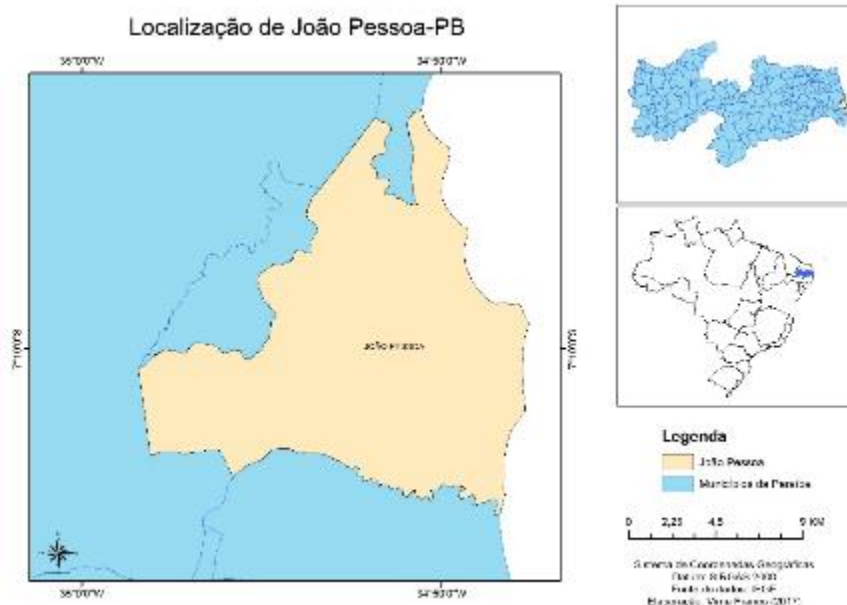
E cada vez mais as feiras agroecológicas vão surgindo nessa região. Muitos camponeses quando entrevistados mostram com total orgulho os alimentos cultivados pela sua família. O senhor José de 42 anos falou que via muitos jovens viajando para São Paulo por exemplo atrás de melhoria de vida, mas que agora muito deles junto a família trabalha nessas feiras. Mesmo com uma seca que já passa de 7 anos (AESAs, 2017) a colheita ainda é farta, visto a várias formas de captação da água de chuva e armazenamento. Ele também falou que muitas pessoas compram seus produtos nessa venda, e que a maior parte de sua renda vem dela.

Atualmente existe mais de 100 sócios que estão ligados direta ou indiretamente a agroecologia Associação EcoBorborema é a organização responsável pelo funcionamento dessas feiras agroecológicas.

Feira agroecológica no Campus I da UFPB

O Campus I da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) está localizado na capital da Paraíba, João Pessoa (mapa 2) onde o censo de 2010 do IBGE constatava uma população de 723.515 mil de habitantes. É a cidade com o maior PIB do estado.

Mapa 2: Localização espacial da cidade de João Pessoa – Paraíba



Os primeiros passos na direção da construção da Feira Agroecológica do Campus I da UFPB foram dados ainda no final dos anos 1990. Os estudos da CPT (Comissão Pastoral da Terra) tinham constatado que muito dos alimentos colhidos, eram entregues para o ‘atravessador’ onde os ganhos eram muito baixos e insuficientes para complementar a renda familiar e também, para os gastos na produção agrícola.

Tendo consciência desses problemas, a CPT junto com os assentamentos da região decidiu em 1997 iniciar reuniões acerca de implementar novas táticas para dar mais autonomia aos camponeses. Em 2001 ainda tentaram se instalar em alguns bairros da cidade como Mangabeira, que é o maior bairro em termo de população da cidade. Teve-se um sucesso

considerável, mas depois de alguns meses, o valor arrecadado começou a cair, chegando num ponto que os próprios camponeses tiravam dinheiro da própria renda para custear gastos com frete.

Em 2002, conseguiram apoio da UFPB e assim, a feira se transferiu para o interior do campus I, funcionando toda sexta de manhã até os dias atuais. Desde então, é possível observar crescimento no número de camponeses vinculados a feira como também, as pessoas da comunidade tendo mais consciência dos malefícios dos agrotóxicos. A relação da cidade/campo é evidente.

Atualmente a feira é composta por 20 barracas e mais de 40 camponeses envolvidos diretamente na sua realização, sem contar aqueles que o fazem indiretamente. Participam da experiência grupos de camponeses assentados de quatro áreas de assentamentos rurais: Dona Helena, localizado em Cruz do Espírito Santo, Padre Gino, Rainha dos Anjos e Boa Vista, localizados em Sapé. Segundo o assessor da Ecovárzea, Washington Aureliano Santos, a média de lucro obtido por semana é de cerca de 8 mil reais.

Resultados e discursões

O que fica claro para a conclusão desse artigo científico é a importância das feiras agroecológicas como gerador e impulsionador para economia, tanto para os municípios/estados como também para milhares de famílias que tem a sua renda graças ao plantio e o sucesso das feiras agroecológicas. Muitas dessas famílias aqui do estado da Paraíba, advêm de assentamentos rurais o que mostra a importância de uma reforma agrária visto que o Brasil tem uma distribuição de terras de forma desigual, contudo, a autonomia dos camponeses para a comercialização dos seus produtos merece atenção do governo brasileiro.

Existe muitas alternativas naturais para o não uso de insumos industriais químicos na plantação para intervir nas pragas, doenças, e fertilização do solo. O que aos poucos está acontecendo é a conscientização dos malefícios que os usos do agrotóxico podem causar o camponês, no ambiente e consumidor final. Muito dos assentamentos pelo estado da Paraíba não faz uso de qualquer tipo de agrotóxico, e até mesmo em algumas propriedades privadas

(como é o caso da fazenda do Clécio no município de Lagoa Seca) nos prova que é possível colocar em prática as questões agroecológicas.

Apesar de algumas conquistas no espaço agrário paraibano e brasileiro, ainda se tem muito a ser realizado. Na atual conjuntura política do governo federal interino que coloca em mercê os direitos dos camponeses, e o agronegócio pressionando cada vez mais a bancada ruralista fica um pouco difícil pôr para frente as ideias agroecológicas. E como já é de conhecimento da massa, o capitalismo coloca os camponeses em desigualdade com o agronegócio. Os camponeses que não fazem uso de qualquer tipo de agrotóxico existem e resistem.

Referências Bibliográficas

PERES, Frederico et al. Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. **Cadernos de Saúde Pública**, 2005

ELIAS, Denise. **Globalização e Agricultura: A região de Ribeirão Preto – SP** / Denise Elias. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Coleção Campi; 21) P. 321

SOBRINHO, Severino Justino¹; SANTOS, Rozana Cadé; COSTA NETO, José Geraldo. 11410-Os desafios da economia solidária: perspectivas para a construção das experiências agroecológicas no agreste paraibano. **Cadernos de Agroecologia–ISSN**, v. 6, n. 2, p. 1, 2011

DE MARCOS, Valeria. Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro. **Agrária (São Paulo. Online)**, n. 7, p. 182-210, 2007

Agrofit (Base de dados de produtos agrotóxicos e fitossanitários) 1998. Secretaria de Defesa Agropecuária/ Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Brasília

MMA 1996. Os ecossistemas brasileiros e os principais macrovetores de desenvolvimento. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Secretaria de Coordenação dos Assuntos do Meio Ambiente, Programa Nacional do Meio Ambiente, Brasília